

PUNICÃO



ENTRE EM CONTATO

Este boletim foi feito sob a responsabilidade do Comitê pela Apuração dos Assassinatos de Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte e pela Punição dos Responsáveis
Rua Comandante Moraes, 56 — São José dos Campos (SP)
CEP 12.219-550 — Brasil
telefone (012) 341-7928 — e-mail: sindct@netvale.com.br.

AOS ASSASSINOS DE JURANDIR E ROBERTO!

Um crime bárbaro tirou a vida de dois sem-terra em 20 de dezembro passado, em São José dos Campos (SP) — Jurandir dos Santos, 26 anos, e Roberto de Oliveira Duarte, 20 anos. Eles participavam do acampamento Nova Esperança, do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que ocupa a fazenda Santa Rita.

Eles foram covardemente surpreendidos de madrugada, depois que o carro no qual estavam quebrou. Ambos foram mortos com tiros na cabeça. Jurandir foi violentamente atacado a golpes de foice antes de ser morto.

Foram os primeiros assassinatos de trabalhadores sem terra no Estado de São Paulo há muitos anos. Eles lutavam pelo direito de ter uma terra para plantar, para viver, para sustentar suas famílias. Que democracia é esta, na qual dizem que vivemos, quando as opções são morrer de fome, ou morrer de bala?

Este crime vem se somar a dezenas e centenas de outros em todo o país, que permanecem na impunidade, acobertados pelo governo e a polícia. Isto tem de parar.

Basta! Chega de impunidade!

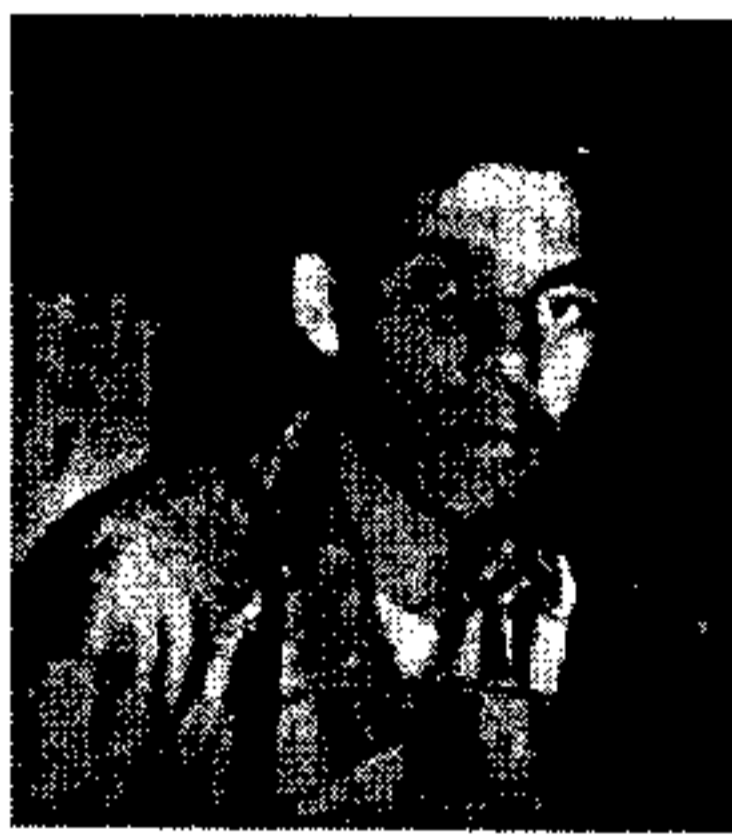
Não aceitaremos que, apesar das evidências envolvendo os fazendeiros da região, os investigados sejam as vítimas, os sem-terra. Exigimos Justiça. Os que planejaram, ordenaram e executaram os assassinatos de Jurandir e Roberto devem ser julgados e presos, doa a quem doer.

Decidimos iniciar uma campanha nacional e internacional, enviando mensagens ao governo brasileiro, realizando atos públicos, divulgando este crime hediondo através desse jornal, e usar todos os meios de pressão para que justiça seja feita.

Comitê pela Apuração dos Assassinatos de Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte e pela Punição dos responsáveis

JURANDIR DOS SANTOS

(1972-1998)



Jurandir nasceu em Umuarama (PR), em uma família rural com seis irmãos. Seu pai tinha uma pequena chácara, de onde tirava o sustento da família plantando hortaliças e criando porcos. Aos 7 anos, começou a ir à escola. Quando ele tinha 10 anos, o pai, com imensas dificuldades para continuar a atividade, vendeu a chácara, e a família veio para Mogi das Cruzes (SP). Poucos depois, os pais se separaram. Sendo forçado desde cedo a trabalhar, foi servente de pedreiro, ajudante de serviços gerais,

carregador na Coca-Cola e na empreiteira OAS. Passou a morar com a família da irmã, em Mogi, aos 20 anos. Com o rendimento de seu trabalho, ajudava a família da irmã e também a mãe, que mora na zona rural de Mogi. Entrou para o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra no Vale do Paraíba em dezembro de 1997, no acampamento em Tremembé. Seu objetivo, como dizia para todo mundo, era conseguir um pedaço de terra onde pudesse assentar sua mãe e o companheiro, para que pudessem garantir sua sobrevivência. Participou das duras lutas do grupo ao longo de 1997, sempre com firmeza e coragem. Graças a estas qualidades, o recurso judicial (agravo de instrumento) utilizado pelo MST contra a ação de despejo (reintegração de posse) na fazenda Santa Rita foi feita em seu nome. No movimento, conheceu Jô, a companheira com quem pretendia se casar em breve. Nos últimos meses de vida, dividia o seu tempo entre o acampamento Nova Esperança e a atividade de divulgação do MST em Jacaref. Nesse trabalho, tratava contato diário com dezenas de trabalhadores, donas-de-casa, jovens, pessoas simples, a quem podia explicar a luta pela terra e conseguir apoio e auxílio para todos os companheiros acampados. Essa atuação incomodava muita gente, e era constante incomodado pela polícia. Isso não o intimidou e continuou levando o seu trabalho.

ROBERTO DE OLIVEIRA DUARTE (BETO)

(1978-1998)



Roberto nasceu em Osasco (SP), no bairro do Munhoz. Aos 7 anos, foi para a escola. Estudou até a 5ª série, que concluiu aos 12 anos. Pouco depois, começou a trabalhar como ajudante de pedreiro para ajudar a família. Em 1996, foi com a mãe para o Jardim Conceição, um bairro distante em Osasco, onde a Prefeitura Municipal estava financiando terrenos a preço baixo, e onde construíram inicialmente um barraco junto com outros parentes. “Apesar de ser bem jovem, ele estava

sempre preocupado, sempre ajudando”, conta a mãe, Eliana Oliveira. Ele trabalhou também como balconista de padaria. Em dezembro de 1997, juntou-se ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra no Vale do Paraíba, desde o primeiro acampamento, em Tremembé. Foi junto com a mãe, o irmão, a cunhada e seu bebê. Todos entraram na luta por um pedaço de terra, para poder produzir e buscar o seu sustento. Nos meses seguintes, a luta foi muito dura. Em julho, aconteceu uma tragédia: o bebê contraiu uma pneumonia e o atendimento no posto de saúde de Moreira César, em Pindamonhangaba, foi totalmente deficiente, e apesar de liberado depois de atendido, o bebê morreu. Com isso, os parentes acabaram voltando para Osasco, e apenas o Beto ficou acampado. Nos meses seguintes, apesar das dificuldades financeiras, visitou duas vezes a família em Osasco. Na última, foi tirada a foto acima, “estava bem alegre, como sempre”, diz a mãe. Segundo a irmã, Roberto “era tipo poeta, escrevia muita coisa bonita”. Nosso Beto gostava do Legião Urbana e do Skank e adorava ler. “No acampamento, lia tudo o que lhe caía na mão”, afirma um companheiro. Quando morreu, estava escrevendo uma peça sobre a luta pela terra, cujo terceiro e último ato será escrito agora, em sua homenagem.

ATO PÚBLICO - 10/2 - 17H - PRAÇA AFONSO PENA - SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

UM CRIME POLÍTICO!

Apesar de todas as evidências em contrário, a polícia conduz até agora o inquérito tratando o caso como se fosse crime comum. As indicações de que o crime é político, e de que os fazendeiros e seus jagunços são os principais suspeitos, são gritantes. Veja as evidências:

AÇÃO JUDICIAL EM NOME DE JURANDIR

Quando os sem-terra ocuparam a fazenda Santa Rita, em 16 de setembro de 1998, o fazendeiro Valdir Pena entrou na Justiça com uma ação para despejá-los (reintegração de posse). Imediatamente, o movimento contestou, também na Justiça (agravo de instrumento). Como o MST não tem existência jurídica, o agravo de instrumento foi feito em nome de JURANDIR DOS SANTOS.

Na vida real, um conflito opõe o fazendeiro Valdir Pena aos sem-terra acampados, mas na Justiça estavam em litígio Valdir Pena e Jurandir dos Santos, brutalmente assassinado.

VIOLÊNCIA CONTRA OS SEM-TERRA

Final de setembro/início de outubro

a) Três jovens, um menor de idade, saem da fazenda num fim de tarde para ir à venda, utilizando três cavalos que estão na propriedade. Na volta, já perto da fazenda, são parados pelo fazendeiro Valdir, acompanhados por uma viatura de polícia. Por ordem do fazendeiro, que os acusa de roubo, os três são algemados (inclusive o menino) e levados para a delegacia de polícia de Caçapava, onde são interrogados, sempre algemados. O interrogatório visa, na verdade, saber como funciona o MST, quem são os líderes...

b) Três integrantes do acampamento, incluindo uma mulher, em uma caminhonete, vão para a fazenda certa noite por volta das 22h. Arbitrariamente, são parados pela polícia e o fazendeiro Valdir. São injustificadamente revistados e a mulher é humilhada, obrigando a levantar sua blusa na frente dos presentes. Sob ordens do fazendeiro, a polícia revista o carro. Os sem-terra ficam retidos por mais de duas horas na estrada escura.

15/10/98 — Acontece a retirada da fazenda dos animais do fazendeiro (foto). O fazendeiro tenta forçar a entrada e é impedido de entrar pela presença de grande parte dos acampados na porteira. De seu carro, acompanhado de parentes, ele bate fotografias do rosto dos sem-terra que estão no local e fica filmando a todos. Jurandir e Beto estavam no local e foram fotografados e filmados. Uma das sem-terra presentes protesta para a polícia: "Por que este homem quer fotos nossas? Amanhã ou depois, alguns dos nossos podem ser assassinados."

setembro/outubro — durante várias se-

manas, a polícia ficava frequentemente próxima à porta da fazenda, pedindo documentos e controlando quem entrava e quem saía. O fazendeiro sabota o fornecimento de luz à fazenda Santa Rita, deixando-a totalmente às escuras (até hoje).

INTIMIDAÇÕES CONTRA JURANDIR DOS SANTOS

No mês que antecedeu sua morte, Jurandir dos Santos foi abordado diversas vezes pela polícia, sem qualquer justificativa. Ele fazia com frequência um trabalho de divulgação do MST e arrecadação de alimentos em Jacareí, município vizinho. Na segunda quinzena de novembro, numa noite, por volta das 22h, polícia parou Jurandir e sua companheira, Jô, no centro da cidade, e, sem nenhum motivo, ambos foram revistados integralmente.

Numa outra noite, na mesma hora, foram de novo revistados. Vendo que muitas outras pessoas passavam no local sem qualquer abordagem policial, perguntaram revoltados: "Por que vocês, policiais, só param a gente?"

Já em dezembro, Jurandir e outra colaboradora do MST foram também parados e revistados à noite.

Alguns dias depois, Jô e Jurandir estavam no supermercado. Jô estava no caixa comprando dezenas de litros de leite para os acampados quando deu alguns passos para além do caixa para chamar Jurandir, com um Prestobarba na mão. O segurança do supermercado segurou-a, acusando-a de roubo em altos brados e chamou um policial (o mesmo da primeira batida). Ele tentou algemá-la. Levou-a, com Jurandir, para a delegacia. No caminho, o segurança do supermercado tentou convencê-la a acusar Jurandir pelo "roubo". Na delegacia, ao reclamar seus direitos, foi ameaçada pelo delegado de ser enviada na mesma hora para um presídio de mulheres.

JAGUNÇOS ARMADOS

novembro/dezembro — Por várias vezes, jagunços com máscaras, montados a cavalo e com armas em punho (espingardas 12) entraram na área da fazenda, pelos fundos, impondo sua presença ameaçada e intimidadora. Um dos fazendeiros vizinhos corta a cerca com frequência para que seu gado venha pastar na fazenda Santa Rita.

19/12/98 — às 10h, alguns sem-terra mataram uma vaca na fazenda, pois passam fome.

20/12/98 — (Jurandir e Beto já estão mortos, mas os sem-terra não sabem disso). Os sem-terra notam que a fazenda ao lado estão supervisionada, cheia de jagunços mascarados e armados.

21/12/98 — Dono da fazenda ao lado vem até a porteira da Santa Rita para reclamar que os sem-terra teriam matado uma de suas vacas. "Essa vaca eu vou cobrar caro", diz o fazendeiro.

A MUTRETA DA FAZENDA

A fazenda Santa Rita, ocupada por cerca de cem famílias sem terra, é reclamada pelo fazendeiro Valdir Pena, de Caçapava. Ele, porém, fez uma negociata: fez um empréstimo no Banco da Amazônia para comprar a fazenda e nunca pagou. Por isso, o banco pediu seu despejo, e recebeu aprovação da Justiça. Quando os sem-terra entraram na fazenda, em 16 de setembro de 1998, o fazendeiro tinha menos de 50 dias para sair da fazenda. Ele não pagou o empréstimo mesmo tendo condições: ele tem outras propriedades e, com a fazenda, faturava por ter feito um pesqueiro. Uma verdadeira maracutaia!

FOTO: FLÁVIO CRAVEIRO



Na porteira da fazenda Santa Rita, acampados e policiais acompanham, em 15 de outubro de 98, a retirada dos animais

A LUTA DOS SEM-TERRA DO ACAMPAMENTO NOVA ESPERANÇA

Os sem-terra que hoje formam o acampamento Nova Esperança, na fazenda Santa Rita, tiveram uma dura luta para conseguir ocupar a terra.

Dezembro de 1997 — Em 14 de dezembro, formam o acampamento com 250 famílias, num sítio em área de um assentamento em Tremembé
Janeiro de 1998 — As famílias fazem uma marcha de cerca de 70 km, durante três dias, até São José dos Campos para divulgar o movimento.

Fevereiro de 1998 — As famílias ocupam a fazenda Sapucaia, em Pindamonhangaba. Ficam seis dias e são despejados pela polícia por determinação judicial. Vão

para a beira da via Dutra, onde acampam por vários meses em condições extremamente penosas. Julho de 1998 — As famílias ocupam a fazenda Boa Vista, em Potim. Uma semana depois, são desalojados por 450 policiais, por determinação judicial. Fazem uma marcha de 25 km para voltar ao acampamento na beira da via Dutra.

Setembro de 1998 — No início do mês, algumas das famílias ocupam a fazenda Nossa Caixa, em Taubaté, que se mantém até hoje. No dia 16, as demais famílias ocupam a fazenda Santa Rita, já que o dono estava sendo despejado pelo Banco da Amazônia.

20/12/98: OS ASSASSINATOS

19 DE DEZEMBRO DE 1998 (SÁBADO): no final da tarde, Jurandir dos Santos, Roberto de Oliveira Duarte e Joel Gama saem no Fusca de Gama do acampamento para falar com produtores de leite. A cerca de 13km, o carro quebra. Os três ficam no bar Queen's das 20h até perto das 23h30. Outros sem-terra passam pelo local. Na saída, os três tentam fazer o carro funcionar empurrando (problema elétrico). Quando vêem que não dá, Gama propõe que durmam no carro, pois a distância até o acampamento é muito longa para ser feita a pé naquela hora (cerca de duas horas de caminhada). Os dois não concordam e decidem ir a pé para uma praça no centro de São José. Jurandir teria uma reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de Jacaré na manhã seguinte e iria direto para lá. Gama dorme no carro. Os dois vão embora. Foi a última vez que foram vistos.

20 DE DEZEMBRO (DOMINGO): Gama acorda no carro, consegue uma bateria emprestada, faz o carro funcionar e volta para o acampamento. A polícia, às 9h, acha o corpo de Roberto sem qualquer documento, a alguns quilômetros do local onde o carro havia quebrado, e envia para o necrotério, onde o corpo fica sem identificação.

22 DE DEZEMBRO (TERÇA): Jô, companheira de Jurandir, liga ao sindicato pedindo notícias de Jurandir. Ninguém sabe dele. Ela acha que Jurandir foi visitar a família em Mogi das Cruzes por causa do Natal. A polícia acha o corpo de Jurandir (próximo ao local onde estava o de Beto), também sem documentos, e manda para o necrotério, onde fica sem identificação.

23 DE DEZEMBRO (QUARTA): Gama liga para o sindicato para saber notícias de Jurandir. Diante da falta de notícias, pede para que liguem para a polícia e o necrotério. Descobre-se que no necrotério há corpos não identificados. Dirigentes sindicais reconhecem os dois corpos. Jurandir é velado e enterrado em São José dos Campos. Roberto é enterrado em Osasco, sua cidade natal.

Reforma agrária em benefício de todos

A reforma agrária é uma bandeira fundamental hoje para o Brasil e essa é a luta do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). É preciso fixar na terra milhões de famílias que foram expulsas do campo e têm plenas condições de produzir milhões de toneladas de produtos agrícolas. Um primeiro resultado seria termos alimentos mais baratos para todo o povo brasileiro. Além disso, faríamos produzir milhões de hectares de terras hoje improdutivas, que são usadas apenas para especulação e acúmulo de riqueza. O Vale do Paraíba é hoje um exemplo de região na qual, no passado, as propriedades

era muito produtivas (café, produção leiteira) e hoje estão em grande parte quase no abandono.

Um bom exemplo da viabilidade da reforma agrária é a prosperidade do Assentamento Conquista, de 96 famílias, em Tremembé. Após alguns anos, o assentamento tem hoje 28 estufas, com 900 pés de pimentão por estufa. No campo, cria-se porcos e galinhas e algumas vacas, e planta-se mandioca, batata-doce, banana, quiabo, pimentão, feijão-de-corda, maracujá, berinjela e penino. Para um dos assentados, "o pessoal da fazenda Santa Rita tem de perseverar nestes maus momentos, para poder chegar lá!"



Produção no Assentamento Conquista, em Tremembé: a reforma agrária dá bons resultados

O QUE DIZEM OS MÉDICOS LEGISTAS

Dois médicos legistas examinaram os corpos após o crime. Veja o que dizem:
 — Roberto de Oliveira Duarte foi morto por um tiro na cabeça. Ele estava ajoelhado aos pés do assassino e o cano do revólver estava encostado em sua cabeça. Seu assassinato foi coisa de profissionais, pois ele foi dominado sem qualquer constrangimento físico e foi morto sem deixar pistas: o tiro foi dado de tal modo que a bala saiu e se perdeu.
 — Jurandir dos Santos foi violentamente atacado com uma espécie de foice. Seu peito foi rasgado de um lado a outro, e seu tórax, de cima até embaixo. Recebeu ainda golpes no braço esquerdo, no abdomen e na cabeça. Foi morto também com um tiro na cabeça, cuja bala também não ficou em seu corpo. Seu cadáver foi encontrado com as vísceras e o coração para fora do corpo.

COMO PARTICIPAR

Envie a seguinte moção:

"Ao exmo. sr. ministro da Justiça, Renan Calheiros
 Ao exmo. sr. Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Marco Vinício Petrelluzzi

Nós, abaixo-assinados, tomamos conhecimento da seguinte moção:

'PELA APURAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE JURANDIR DOS SANTOS E ROBERTO DE OLIVEIRA DUARTE E PUNIÇÃO DOS ASSASSINOS

Na noite de 19 de dezembro de 1998, foram vistos pela última vez os companheiros Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte, membros do acampamento Nova Esperança, do MST, na fazenda Santa Rita, em São José dos Campos (SP). Eles iam à pé para o centro da cidade quando sumiram.

Seus corpos foram reconhecidos em 23 de dezembro. Os dois foram executados com tiros na cabeça. Jurandir foi barbaramente torturado: seu corpo tinha vários cortes e fraturas.

Esses crimes não podem ficar impunes. Os assassinos querem intimidar os acampados-trabalhadores que apenas lutam por um pedaço de terra para ter direito a um futuro. Querem impedir o MST de expandir a luta pela reforma agrária.

Nós acusamos:

- o governo federal é responsável por estas mortes, pois não realiza a reforma agrária, impedindo que milhões de brasileiros tenham como sobreviver.

- os fazendeiros são responsáveis por estas mortes, pois armam jagunços que ameaçam e assassinam. Sua organização, a UDR, se reorganiza para tentar impedir pelo terror o amplo acesso à terra.

Exigimos das autoridades, da Justiça, a apuração rigorosa e imediata dos assassinos de Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte e a punição exemplar dos criminosos.

Chamamos todas as entidades e partidos democráticos e populares a apoiarem e se somarem a esta luta.

**REFORMA AGRÁRIA É UMA LUTA DE TODOS!
 OCUPAR, RESISTIR, PRODUZIR!
 ENQUANTO O LATIFÚNDIO QUER GUERRA,
 NÓS QUEREMOS TERRA!
 IMEDIATA APURAÇÃO DO CRIME E PUNIÇÃO DOS ASSASSINOS!**

(moção aprovada em assembléia no acampamento Nova Esperança em 5/1/99, acampamento com 96 famílias.)

Nos solidarizamos com esta luta e exigimos a APURAÇÃO DOS ASSASSINATOS DE JURANDIR DOS SANTOS E ROBERTO DE OLIVEIRA DUARTE E PUNIÇÃO DOS ASSASSINOS."

Enviar para:

Exmo. sr. ministro da Justiça, Renan Calheiros
 Esplanada dos Ministérios, Bloco T, Gabinete do Ministro
 DF — CEP 70064-900 — fax: (061) 322-6817

Exmo. sr. secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Marco Vinício Petrelluzzi
 av. Higienópolis, 758 — São Paulo — SP
 CEP 12380-000 — fax: (011) 3824-5708

cópias para:

Comitê pela Apuração dos Assassinatos de Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte e pela Punição dos Responsáveis
 Rua Coronel Moraes, 56 — São José dos Campos (SP)
 CEP 12.219-550 — Brasil
 telefone (012) 341-7928
 — e-mail: sindct@netvale.com.br.

Gabinete do deputado Renato Simões
 Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
 av. Pedro Álvares Cabral s/nº
 fax: (011) 884-3986
 — e-mail: rsimoesalerj@alternex.com.br

Campanha cresce no Brasil e no mundo

A campanha exigindo a apuração do crime e punição dos assassinos de Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte está crescendo no Brasil e no mundo.

Em 25 de janeiro, uma delegação de sindicalistas esteve na embaixada do Brasil em Madri (Espanha). Os representantes da embaixada estavam informados sobre o assunto e disseram que o inquérito policial estava em andamento. Os sindicalistas manifestaram sua preocupação com a impunidade no Brasil quanto aos crimes contra trabalhadores do campo e prometeram intensificar a campanha e voltar futuramente. Outras idas a embaixadas brasileiras estavam previstas para ocorrer na Cidade do México e em Paris.

Leia nesta página quem já se somou a esta campanha.

Brasil (primeiras adesões):

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra); CUT (Central Única dos Trabalhadores); Luiz Inácio Lula da Silva (presidente de honra do PT); Vicente Paulo da Silva, presidente da CUT; José Dirceu (presidente nacional PT); senador Eduardo Suplicy (PT-SP); Eliana de Oliveira Duarte (mãe de Roberto); Frei Betto; acampamento Nova Esperança, São José dos Campos (SP); deputados federais Antônio Palocci (presidente do PT-SP), Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP), Joana d'Arc (PT-MG) e Telma de Souza (PT-SP); deputados estaduais Renato Simões (PT-SP, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa), Pedro Tobias (PDT-SP); Mariângela Duarte (PT-SP) e Durval Ângelo (PT-MG); Arlindo Chinaglia, Plínio de Arruda Sampaio, Markus Sokol, Marco Aurélio Garcia, Lene Gonçalves, Mesquita Bula, Jorge Almeida, Sonia Hypolito, Maurício Araújo, Valter Pomar, Flávio Silva, Maria do Rosário, Vicente Trevas, Joaquim Soriano, Delúbio Soares e Eliana

Gonçalves, da executiva nacional do PT; Julio Turra, executiva nacional da CUT; Romênio Pereira (presidente PT-MG); vereadores Amélia Naomi (PT-São José dos Campos), Carlinhos Almeida (PT-São José dos Campos), Diogo (PT-Jacareí), Mauro (PT-São José dos Campos), Messias Gomes (PT-Cubatão), Miguel (PT-Mauá), Milton Bueno de Almeida e Ricardo Alvarez (PT-Santo André); Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo; Sindicato dos Metroviários de Belo Horizonte; DCE-USP; Juventude Revolução; Apeoesp Suzano; PT-São José dos Campos; PSTU-São José dos Campos; PCdoB-São José dos Campos; PT-Jacareí; PT-Mauá; PT-Poa; PT-Pratia Grande; PT-Itanhaém; PT-Mongaguá; PT-Cubatão; Thomaz Ferreira Jensen, estudante; jornal "O Trabalho"; padre Afonso, Jacareí; São José dos Campos; Sindicato dos Servidores Públicos Federais na Área de Ciência e Tecnologia; Sindicato dos Servidores Públicos Municipais; Sindicato dos Trabalhadores nos Correios; Sindicato dos Metalúrgicos; SEEC; Sindicato dos Trabalhadores

nas Cozinhas Industriais e Sindicato dos Químicos; Bauru; Sonia Carvalho, Sindicato dos Servidores Municipais; Laércio Pereira, Sindicato dos Bancários e Financeiros; Marcos Vinicius, Coordenação Regional do MST, acampamento Madre Cristina, em Iaras (SP); Tatiana Calton, suplente vereador PT; Roque Ferreira e José Carlos da Silva, Sindicato dos Ferroviários; Leonam Loureiro, conselheiro regional Apeoesp; Roque Ferreira, Federação Nacional Independente dos Trabalhadores Sobre Trilhos; Duílio Duka de Souza, coordenador regional CUT; Arthur Monteiro Júnior, coletivo Movimento Resistência; João Félix Neto, presidente do PT-Bauru; Santos; Sindicato dos Petroleiros de Cubatão, Santos e São Sebastião; Setta (trabalhadores do porto); Sindicato dos Trabalhadores na Alimentação; Sindicato dos Urbanitários de Itanhaém; sociedades melhoramentos da Vila Gilda, da Vila Esmeralda e do Jardim do Trevo; Sindicato dos Hoteleiros; Sindicato dos Metalúrgicos; coletivo do Movimento Resistência; Apeoesp Mongaguá

Estados Unidos: Baldemar Velasquez, presidente da Federação dos Trabalhadores do Campo (FLOC, da central sindical AFL-CIO); Rede de Notícias Grassroots, Texas (enviou a moção para os 131 grupos da coalizão); Mya Shone e Ed Rosario, coordenadores da Conferência Mundial Aberta do Ano 2000; David Wald, USA/Cuba InfoMed; Warren Mar, Instituto de Organização, central sindical AFL-CIO; irmã Ann Gormly, pelas Comunidades de Base das Freiras de Notre Dame de

“Eu ficaria honrado em acrescentar meu nome à moção de repúdio ao assassinato dos dois integrantes do MST do Brasil”
Baldemar Velasquez, presidente da Federação dos Trabalhadores do Campo (FLOC, da central sindical AFL-CIO, EUA)

Namur; Alan Benjamin, jornal "The Organizer"; Alice Zachmann, diretor da Comissão de Direitos Humanos da Guatemala nos EUA; Bruce Allen, primeiro vice-presidente, sede regional da AFL-CIO, St. Catharines & District; Pamela Costain, diretora-executiva do Centro de Pesquisa das Américas; Pharis J. Harvey, diretor-executivo, Fundo Internacional dos Direitos do Trabalho; Coalizão Global (Campanha pela Justiça no Haiti) e Rede de Solidariedade à Nicarágua; Federação dos Anarco-Pacifistas; Projeto Sul: Instituto para a Eliminação da Pobreza e do Genocídio, Geórgia; John Dear, diretor-executivo, Congregação da Reconciliação, e John Lindsay-Poland, pelo Grupo de Trabalho na América Latina e Caribe; Tony Sauniois, secretário do Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores (com partidos e grupos filiados em mais de 30 países); J. Shafer, da organização Colonos em Apoio à Soberania Indígena (Sisis); Ole Fjord Larsen, secretário, Parlamento Mundial dos Povos Unidos (em formação); Joyce Wallace, da Aliança Política das Mulheres, Minnesota; Marcelo Suarez, coordenador, Ação Comunitária na América Latina; Paul Williams, Partido Verde de Nova Jersey; Jeannine Coallier e Rosalie Riegle, pela Comunidade de Trabalhadores Católicos de Mustard Seed, Michigan; John Witeck, coordenador do Comitê de Apoio aos Trabalhadores da Filipinas; Dick Kamp e Caroline Hotaling, pelo Projeto Ecológico da Fronteira, Arizona; Jeanie Keltner, editora do jornal progressista "Porque as Pessoas são Importantes", Califórnia; Global Exchange, Califórnia; professor Albert Lennon, da Universidade de Laney; Greg Durka; Ellen M. Starbird, Califórnia; Peg Morton, Oregon; Sharon A. Bonney; prof. Beatriz Urrea, Universidade do Arizona; Mike, da Escola Bread and Roses, Nova York; Mary Jean Braun, Arizona; Nell A. Beekman, Colégio Oberlin, Ohio; Paula Niemeyer; Kathleen McAfee, Universidade da Califórnia; professor Bob Mandel, Califórnia; Erin Randel, Ohio; Paul Morse, Massachusetts; Katie Halloran, Universidade da Flórida; Christina Holcroft, Universidade de Massachusetts; Karen Brodtkin; professor Al Campbell, Universidade de Utah; Kristin Garvin; John Martin West, Texas; professor Jon Jonakin, Universidade Tecnológica do Tennessee; Eitan Wexler, Virginia; professor universitário Roger S. Gottlieb, Massachusetts; Anastasia Telesetsky, Califórnia; professor Martin Zabe, Universidade de Louisville, Kentucky; Tiffany

Schrader, Universidade de Stanford; Maisa Mendonga;

Canadá: Buzz Hargrove, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Automobilística do Canadá (CAW); dr. David Bemans, da Universidade de Concordia (Montreal); Lorna Erwin, vice-presidente, pelo Comitê da Associação Docente da Universidade de York (YUFA); John Dillon, coordenador de pesquisa, Coalizão Ecuêmica pela Justiça Econômica; Joe

Silvaggio, Toronto; professor Christopher Gray, executiva do Sindicato dos Docentes da Universidade de Concordia, Quebec; professor (emérito) Louis Lefebvre, Universidade de York, Ontário; professor Ray Morris, da Universidade de York

México: Enrique Priego, Leúcia Figueroa, Margarita Barajas, Guillermo Alvarez, Adriana Wells e Julieta Curiel, pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade Autónoma da Baixa Califórnia; Victor Nuño e Juan Ortiz Huendo, professores da Uab; José Moreno Mena, Centro de Direitos Humanos e Educação Cívica; Javier Cañizares, Jesús N. e Isaura Jerez, trabalhadores mineiros da Cananea, Sonora; Gemma López e Raymundo Blas, do Comitê Fronteiriço de Direitos Humanos "Ricardo Flores Magón"; Federico Garcia Estrada, subprocurador; Rosa Arreguin e Manuel Guillén, Procuradoria de Direitos Humanos e Proteção da Cidadania da Baixa Califórnia; Marcela Alvarez Perez-Duarte; grupo Mulher e Meio Ambiente, Universidade de Oxtopolco; Ana de Ita, Centro de Estudos para as Mudanças no Campo; Lylia Isabel Palacios; Juan Ricardo Herrera Valenciano

Inglaterra: Tony Ben, deputado do Partido Trabalhista Britânico; Ann Green, Partido Comunista Britânico; Franck Early, redator do "Notícias do Trabalho"; John Haywood, Partido Comunista da Grã-Bretanha (marxista-leninista); Julie Hilling, presidente do sindicato CYWU

França: Daniel Gluckstein, secretário nacional do Partido dos Trabalhadores e membro do Acordo Internacional dos Trabalhadores (presente em mais de 70 países); Alexandre Hébert, União dos Anarco-Sindicalistas; Rémy Auchedé, conselheiro geral do Partido Comunista Francês (PCF) de Pas-de-Calais; Olivier Doriane, Partido dos Trabalhadores; Jo Salamero, sindicalista; Pascal Samouth, sindicalista; Patricia Latour-Combès, PCF, jornalista; Jean Jacques Kamman, prefeito-adjunto de Aubervilliers, PCF; Daniel Delrez (conselheiro regional da Lorena); Bernard Emile Fabrol, PCF; Goursaud, prefeito de Brie-sur-Marthe; Marc Gauquelin, Partido dos Trabalhadores; Pierre Lambert, Partido dos Trabalhadores; Denis Langlet, sindicalista; Jean-Charles Marquiset, sindicalista, PCF; Alain Fievet,

MDC; Alain Biscaye, MDC; José Fourquin, Comitê de Preparação da Conferência Mundial de Jovens pela Revolução; Séverine Grandvaux; professor André Riera, sindicalista; Jean-Pierre Raffi, Partido dos Trabalhadores; Patrice Moulun, sindicalista; Humbert Whitechurch, revista "Reflexões"; 25 funcionários do Hospital du Vinatier, em Rhône

Áustria: Karl Fischbacher, representante internacional dos Sindicalistas Independentes da Federação Unida da Áustria

Espanha: Comissão Executiva Federal da Federação dos Trabalhadores da Terra da UGT (União Geral dos Trabalhadores); José Ricardo Martínez, secretário-geral da União Regional de Madri da UGT; José Fuentes Cabello, secretário-geral da Federação dos Trabalhadores do Campo das Comissões Obreras (CCOO); Federações dos Trabalhadores na Indústria das CCOO da região de Madri; Vicent Garcés, deputado do PSOE (Partido Socialista) nas Cortes de Valencia; jornal "Información Obrera"; José Pineda, dirigente do Partido Comunista da Espanha em Málaga; Cosal (Comitês de Solidariedade com a América Latina), Asturias; Blas Ortega, presidente da AMDMP (associação de médicos); Setem, Catalunha; Iniciativa Socialista, Madri

Alemanha: Leif Riemann, Grupo Internacional Berlin; Carla Boulboulé, do jornal "Soziale Politik und Demokratie, Berlin; H.-V. Schuster, membro do Sindicato dos Servidores Públicos (OTV); Comissão Operária do SPD (Partido Social-Democrata) de Dusseldorf; Michael Altmann, da Comissão Operária do SPD de Hesse

Rússia: Alexandre Jidenkov, Sindicato Solidariedade, Kaliningrado; Eugueni Kuslov, Partido dos Comunistas da Rússia, São Petersburgo

Portugal: Aires Rodrigues, ex-deputado do PS à Assembleia Constituinte

Itália: professor Lorenzo Varaldo, sindicalista

República Checa: Vratislav Votava, Partido Comunista

Romênia: Florin Orban, da revista "Política Operária Independente"

Dinamarca: Peter Clausen, pela Rede de Solidariedade com a América Latina "Oscar A. Romero" na Europa; Per Sorensen, Movimento Popular contra a União Europeia

Suécia: Annika Gyllfors, social-democrata; A. Linden, do Grupo AH de Estocolmo

Noruega: Ashbjorn Andersen, movimento "Não à União Europeia" e Partido Comunista

Iugoslávia: Pavlusko Imsirović, Comitê pela Paz, Democracia e União dos Trabalhadores

Bélgica: Robert Giarocco, servidor público

Bangladesh: Associação dos Camponeses Sem Terra de Bangladesh

Malásia: dr. Syed Husin Ali, presidente do Partido do Povo da Malásia; dr. Molly Lee, coordenador da comissão internacional do Aliran; Charles F. Moreira, Jaring;

Tailândia: Santikaro Bhikkhu, Comunidade Monástica Budista

Nepal: Binda Pandey, Federação Geral dos Sindicatos do Nepal

África do Sul: Julian Kummie, do Partido Socialista da África

Senegal: Comitê de Organização do Seminário Feminista de Língua Francesa, da Universidade Cheick Anta Diop, Dakar;

Nova Zelândia: Ross Swanston

Equador
Carta ao ministro da Justiça do Brasil, sr. Renan Calheiros:
"Os trabalhadores do Equador ficaram profundamente consternados pelo assassinato dos trabalhadores sem-terra Jurandir dos Santos e Roberto de Oliveira Duarte. Senhor ministro da Justiça, em nome dos trabalhadores petroleiros equatorianos exigimos que realize todas as gestões possíveis para esclarecer e punir os responsáveis por estes fatos que atingiram a vida de nossos companheiros. Esperamos resposta urgente e favorável a nossa petição, o que seria uma boa aplicação da lei em vosso país."
Hugo Vera K. e Jorge Peña, dirigentes do Sindicato Cetrapin (petroleiros)